

FORTIFICAÇÕES E TERRITÓRIO NA PENÍNSULA IBÉRICA E NO MAGREB (SÉCULOS VI A XVI)

Vol. II

Coordenação de
Isabel Cristina F. Fernandes



Edições Colibri



Biblioteca Nacional de Portugal
– *Catálogo na Publicação*

FORTIFICAÇÕES E TERRITÓRIO NA PENÍNSULA IBÉRICA E NO MAGREB
(SÉCULOS VI A XVI)

Fortificações e território na Península Ibérica e no Magreb
(séculos VI a XVI) / coord.

Isabel Cristina Ferreira Fernandes. – (Extra-colecção)

2º v. – 380 p. – ISBN 978-989-689-374-3

I – FERNANDES, Isabel Cristina F., 1957-

CDU 904

Título: Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb
(Séculos VI a XVI) – Volume II

Coordenação: Isabel Cristina Ferreira Fernandes

Edição: Edições Colibri/Campo Arqueológico de Mértola

Capa e separadores: DCCT – Câmara Municipal de Palmela

Revisão dos textos: I. C. Fernandes; J. F. Duarte Silva; Patrice Cressier

Depósito legal: 368 239/13

Lisboa, Dezembro de 2013

Castelo de Sintra: evidências arqueológicas do quotidiano entre os séculos IX-XII

CATARINA COELHO

Direcção-Geral do Património Cultural

A CIDADE de Sintra tinha o seu centro urbano principal no castelo. Nova centralidade estabelecida a partir do século IX no topo da serra de Sintra constitui-se como um ponto estruturante e defensivo de um vasto território essencialmente agrícola. Esta será aliás a sua essência e funcionalidade durante quatro séculos, até aos momentos imediatamente posteriores à reconquista cristã.

Na Vila de Sintra, diversas intervenções pontuais² realizadas no âmbito de obras de requalificação, revelaram a presença de estruturas de armazenamento, entulhadas maioritariamente com materiais cerâmicos atribuíveis aos séculos XI-XII, numa época imediatamente pré-reconquista cristã (AML: 2001 – Rua das Padarias; Rua Gil Vicente).

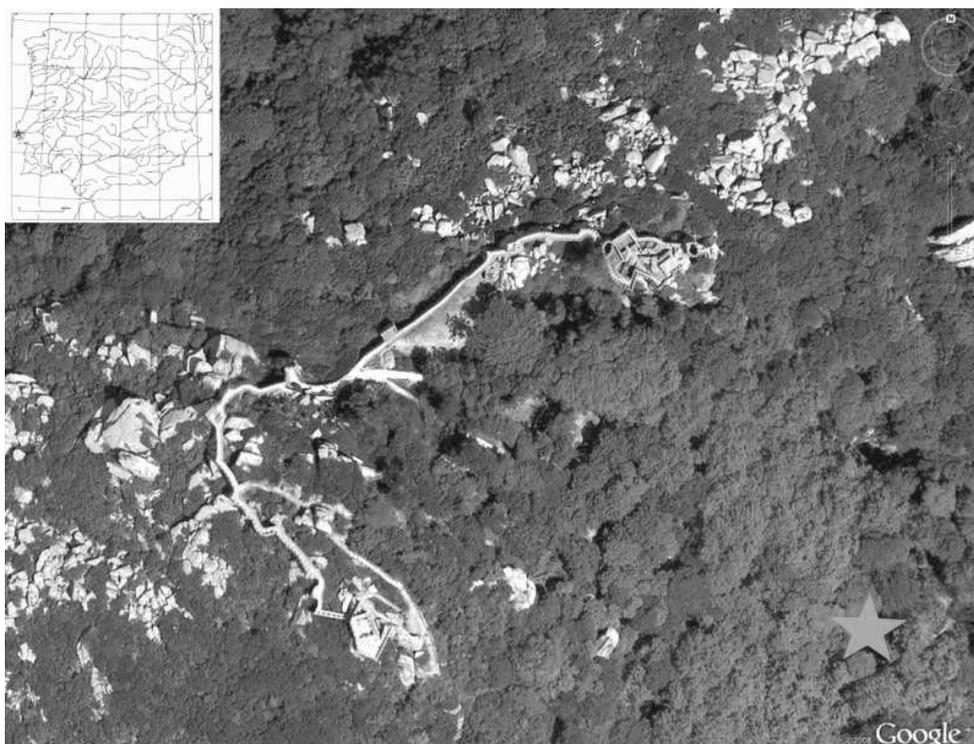


Fig. 1 – Castelo de Sintra, localização da área intervencionada.

No exterior cresciam os arrabaldes mais próximos como a Tapada do Inhaca ou mais distantes sob a actual Vila Velha de Sintra.

No primeiro caso, também no topo da serra, mas já fora das linhas defensivas. No local foram identificados, em 2001 no decurso de uma intervenção de emergência¹, vestígios de estruturas habitacionais com silos associados, entulhados com os estratos de abandono do sítio. Os materiais exumados nos contextos habitacionais convivem com as cronologias já estabelecidas para as realidades identificadas no Castelo, sensivelmente para os séculos X-XI. Simultaneamente, o registo de sepulturas e respectivos enterramentos, segundo o ritual muçulmano, levou a considerar este local como sendo uma das necrópoles do Castelo de Sintra (AML: 2001).

No Iº Simpósio sobre Castelos, realizado em 2000, expusemos uma primeira abordagem à fortificação sintrense, cumprindo-se agora apresentar uma síntese dos resultados obtidos nas escavações arqueológicas levadas a cabo no Castelo de Sintra entre 1993 e 2001.

A área intervencionada localiza-se num pequeno patamar da vertente norte da Serra de Sintra, a Sudeste do recinto amuralhado principal protegida pela segunda linha defensiva de muralhas. Foi identificado parte de um espaço habitacional com pelo menos dois compartimentos, diversas estruturas de armazenamento, associadas claramente a um desses espaços, entre estruturas de combustão e uma evidente área de lixeira, localizada no tardo da habitação. Desde logo, o estudo



Fig. 2 – Necrópole islâmica da Tapada do Inhaca (AML: 2001; © Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas).



Fig. 3 – Localização do Castelo de Sintra (a), da Tapada do Inhaca (b) e da Vila velha de Sintra (c).

do mobiliário cerâmico atestou uma presença contínua entre os séculos IX-XII (COELHO, 2000, 2002).

Até ao momento não se encontra a descoberto a totalidade do espaço habitacional.

As medidas de protecção levadas a cabo no final da 6ª campanha, em 2001, não impediram que se tivessem verificado algumas destruições pontuais no âmbito das estruturas de combustão, o que inviabilizou a continuidade da investigação em curso nesta área específica da fortificação sintrense.

Porém, é evidente a identificação de pelo menos duas fases de ocupação do sítio, caracterizadas pela sobreposição e/ou ruptura de estruturas várias, o que atesta a complexidade interpretativa das diversas ocupações durante a época islâmica, ainda que confirme a larga diacronia de ocupação do sítio (Fig. 5c e 5d).

Os distintos troços de muros apresentam fabricos variados, justificados quer pela sua funcionalidade, isto é serem estruturantes do espaço habitacional – como parece ser o caso do muro norte [UE 38], a partir do qual o edifício se desenvolve para Sul dos penedos graníticos – ou simples divisórias internas (Fig. 4). Por outro lado, estas diferenças apontam, para além da sobreposição evidente entre algumas destas unidades estratigráficas, para mais do que uma fase do sítio. Caracterizam-se na sua maioria por estruturas compostas por pedras de médias ou grandes dimensões na base, posteriormente alteadas com elementos de menor escala ligados ou não por uma argamassa pobre de cal e areão. Verificou-se ocasionalmente o recurso a uma argamassa do tipo ‘taipa’ muito pobre, e húmida como consequência do contexto atmosférico da serra de Sintra.

Identificaram-se várias lareiras, melhor ou pior estruturadas, adaptando-se ao local específico onde foram registadas. Assim, no canto NE interior do compartimento 2 observou-se uma estrutura de combustão [UE 90 – FPA de A. Bazzana, 1996: 140] bem delimitada por elementos pétreos, contendo alguns fragmentos cerâmicos e osteológicos com grande concentração de cinzas e carvões, facto notável, atendendo o elevado grau de humidade que caracteriza o ambiente e o subsolo da Serra de Sintra (Fig. 5f). Registaram-se pelo menos duas outras estruturas de combustão, uma no interior do compartimento 1, cuja base argilosa lhe conferia um ambiente muito colorido [UE 102 – FPA a/c de A. Bazzana, 1996: 140], também adossada à parede (Fig. 5g), e outra mais frágil – apenas identificada pela coloração da argila compactada e uma área anexa para deposição de cinzas [UE 96 – FPS de A. Bazzana, 1996: 140] – no interior do compartimento 2, mas já sob os vestígios residuais do pavimento e, parcialmente, sobre o muro mais antigo [UE 89] associado a uma fase de ocupação anterior.

A complexidade da interpretação das diferentes fases de ocupação desta estrutura habitacional, intensifica-se com a identificação dos vestígios de uma outra estrutura de combustão [UE 105 – FPA de A. Bazzana, 1996: 140], composta por uma argamassa compacta amarelada e pequenos elementos pétreos a delimitá-la, localizada numa área mínima entre o muro [UE 81] de uma fase anterior, desenvolvendo-se, simultaneamente, sob o muro interior da habitação [UE 42].

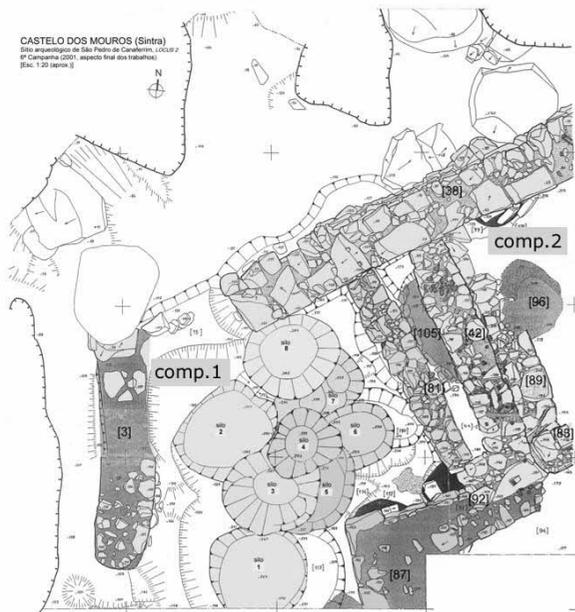


Fig. 4 – Planta da área escavada.

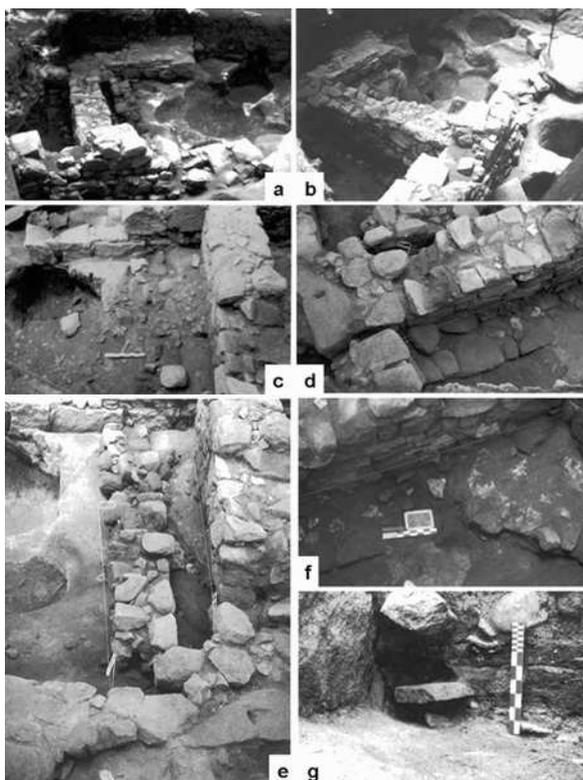


Fig. 5 – Perspectivas várias das estruturas de combustão e da sobreposição estratigráfica de muros e fossas.

Estruturas de armazenamento

A presença de silos encontra-se associada na estrutura habitacional a um único compartimento (1), evidenciando funcionalmente um local de resguardo de produtos alimentares (Fig. 4).

O espaço reservado aos silos foi utilizado numa derradeira fase de ocupação como uma ampla zona de lixeira, traduzida na colmatação das várias estruturas, algumas das quais possivelmente em simultâneo.

Alguns destes silos deverão ter sido entulhados previamente à fase final da ocupação do compartimento 1, uma vez que parte das fossas se encontravam parcialmente cobertas pelo pavimento correspondente a essa fase.



Fig. 6 – Perspectiva das várias estruturas de armazenamento.

No processo de escavação a individualização dos diversos silos foi muito complexa, optando-se por exumar os vários estratos de enchimento dos mesmos, de acordo com a sua identificação no terreno, tendo em conta os contornos das paredes das próprias fossas. Assim, na tentativa do estabelecimento de uma hierarquização das várias estruturas, sugere-se que os silos 1 e 2 foram cortados pelo silo 3 que, por sua vez, foi cortado pelo silo 4. Este cortou, também, os silos 5, 6 e 7; este último terá sido afectado igualmente pelos silos 6 e 8 (Fig. 4).

Conjunto artefactual

O conjunto artefactual recolhido é, como esperado, abundante e diversificado.

Os fragmentos cerâmicos compreendem a maior percentagem de artefactos arqueológicos recolhidos distribuindo-se, concetaneamente com a funcionalidade da área habitacional escavada, por fragmentos de uso culinário – panelas, potes e púcaras –, de conservação e transporte de alimentos – potes, talhas, cântaros e bilhas –, de mesa – pratos, malgas e taças –, quer com pinturas a óxido de ferro e branco sobre engobe ou não, quer vidrados com decoração verde e manganés, corda seca parcial e total, quer ainda com cordões plásticos e decorações incisadas (Fig. 7).

Também a cerâmica de construção está muito presente nas áreas intervencionadas, concretamente as telhas simples e digitadas pertencentes aos contextos de derrube registados (Fig. 8d). Destaque-se um significativo número de malhas de jogo fragmentadas ou não, produzidas em cerâmica, algumas das quais poderão igualmente ter funcionado como tampas de recipientes.

Como já tivemos oportunidade de apresentar pu-

blicamente, o conjunto de fragmentos de cerâmica verde e manganés destaca-se pela sua diversidade (Fig. 7f). A análise tipológica dos bordos, fundos e motivos decorativos patentes na colecção aponta maioritariamente para um conjunto coevo do século

XI, muito embora possam ser indexados alguns paralelos ao catálogo meseteno na transição do século X-XI (COELHO: no prelo), confirmando a relevância deste espaço habitacional nos contextos califais do Garb al-Ándalus (Fig. 7a e 7b).

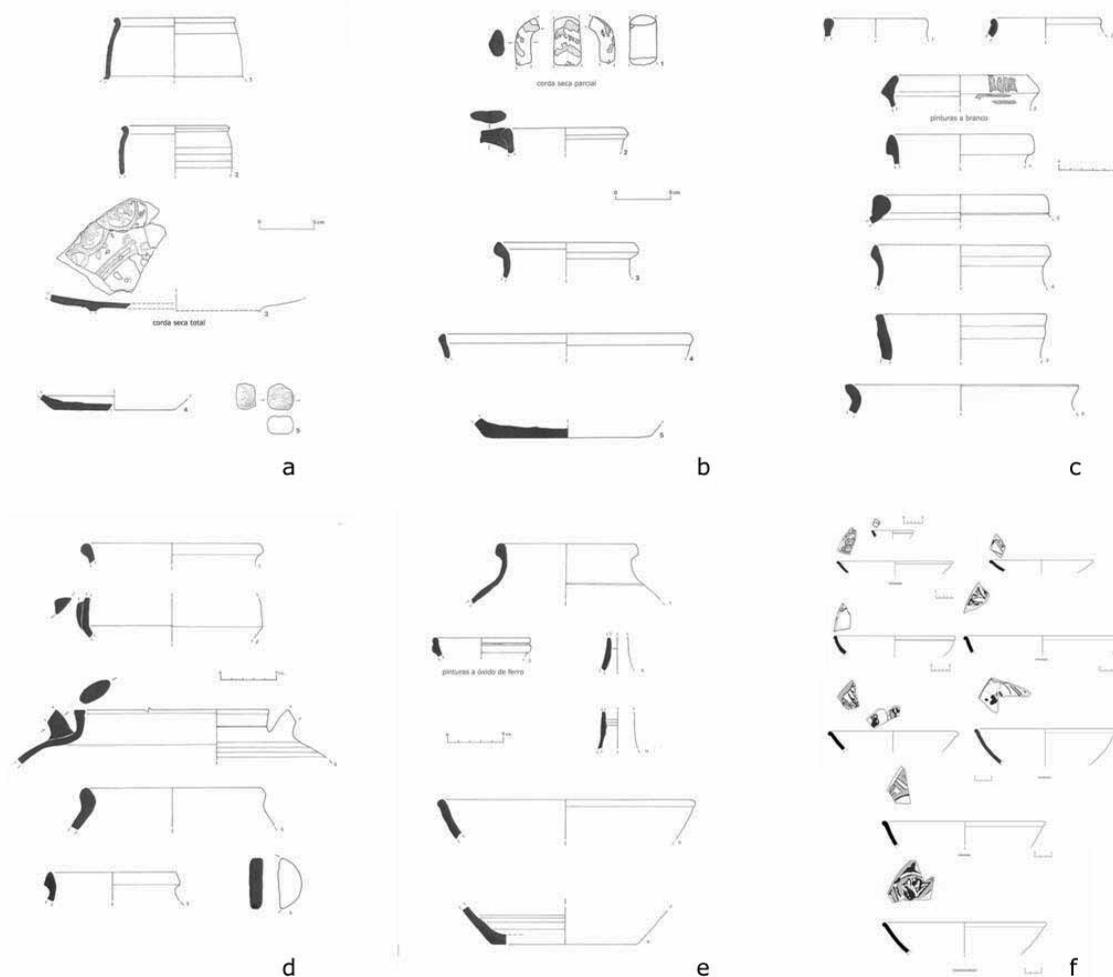


Fig. 7 – Diversidade do espólio cerâmico: recipientes de cozinha e de mesa.

A colecção de espólio metálico caracteriza-se pela presença de diversos artefactos e alguns vestígios indeterminados, produzidos na sua maioria em ferro, mas também em cobre, nomeadamente no que diz respeito a elementos de adorno pessoal. Destacam-se fragmentos de aros de prováveis brincos, pendentes e anéis, de plaquinhas com decoração incisa e agulhas fragmentadas. Para além dos vestígios de escória de fundição, aparecem disseminados por toda a área escavada pregos de ferro de variadas dimensões, e ainda alguns utensílios fragmentados como facas e uma foice (Fig. 8g), entre outros. Do conjunto artefactual metálico foram ainda recolhidos três exemplares de armas (Fig. 8f) – duas pontas de lança e um virote de besta – já anteriormente publicados (COELHO: 2000^b).

Infelizmente, os fragmentos de vidro, residuais e em mau estado de conservação, não têm expressão face ao restante conjunto material exumado.

Significativa foi a recolha, ainda que em contextos remobilizados, de um fragmento de dirham atribuído a uma cunhagem de Umar al-Mutawakkil (460-488H./1067-1095), rei da taifa aftássida de Badajoz (Fig. 8e). Parece pertencer ao tipo 1007 de Vives y Escudero (1893) datado do período entre 460-465 (observação indirecta de Alberto Canto Garcia, a quem publicamente se agradece).

As análises efectuadas aos restos faunísticos recolhidos, provenientes essencialmente de ambientes de lixeira, quer do entulhamento dos silos, quer da área exterior ao espaço habitacional confinada a Norte pelos grandes penedos graníticos, permitiram identificar a presença de espécies de fauna mamalógica e de avifauna, confirmando o consumo de ovinos e caprinos (73%), vaca (7%), porco (2%) e veado (15%) de entre outras espécies cinegéticas, como coelho, perdiz e galinha. Residuais foram ainda os testemunhos de gato, cão e cavalo (DAVIS: 2005).

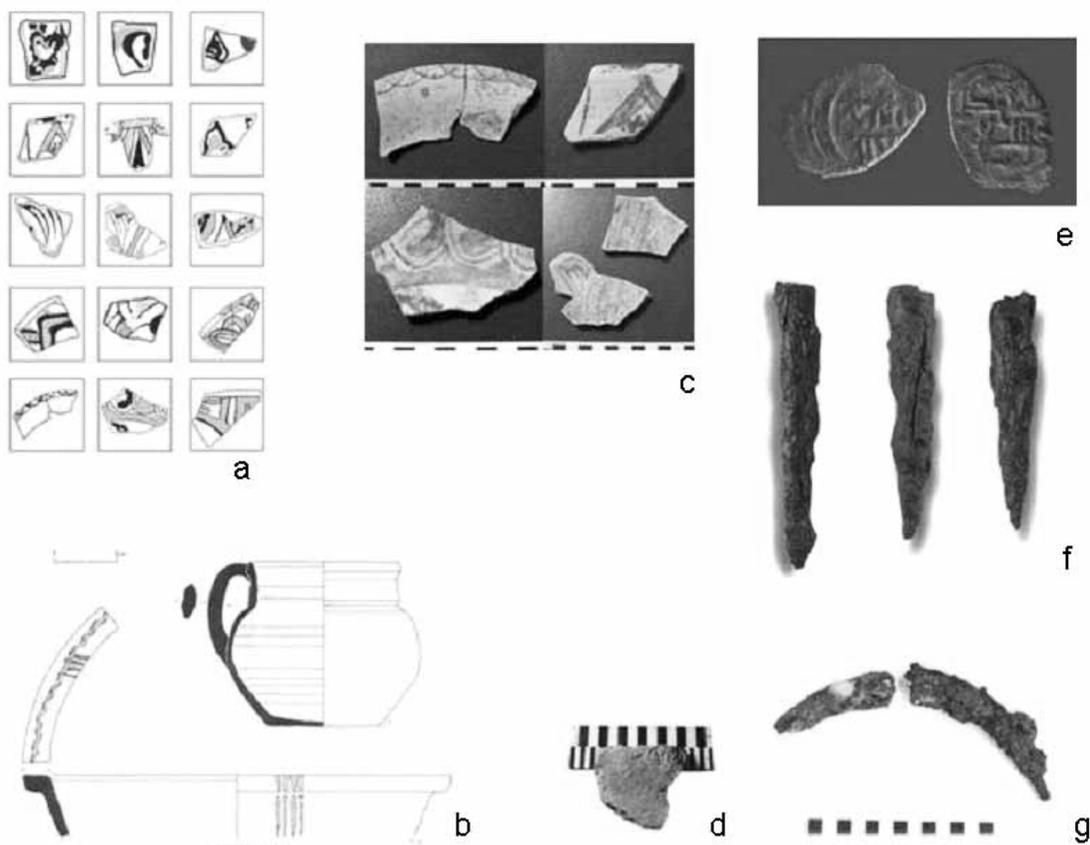


Fig. 8 – Diversidade do espólio arqueológico exumado.

A implantação deste sítio arqueológico, num dos cumes da Serra de Sintra, reflecte-se na dieta alimentar da comunidade, traduzindo naturalmente o meio ambiente envolvente, pelo que o recurso à pastorícia e à caça são evidentes nos dados arqueozoológicos obtidos.

Os estudos arqueobotânicos realizados a partir de fragmentos de madeira carbonizada e algumas sementes recolhidas em amostras dos sedimentos escavados contribuem para a caracterização paleoambiental da Serra de Sintra durante a Alta Idade Média (LEEUWAARDEN E QUEIROZ: 2003). Deste modo o medronheiro e a urze branca correspondem a cerca de 71% dos carvões analisados, seguindo-se a madeira de carrasco (9%) como material combustível preferido da comunidade estudada, certamente pela facilidade de acendimento e pela sua qualidade calórica.

Foram ainda observados vestígios de madeira de videira, pressupondo a obtenção de matéria-prima lenhosa em ambientes mais distantes, eventualmente das encostas da serra, ou até a presença de pequenas produções locais e isoladas para o consumo do fruto fresco ou de uva passa. Saliente-se, ainda, a ocorrência de vestígios de sementes de azeitona, pêsego, abrunho e favinha certamente associados à dieta alimentar da comunidade local.

A existência de material orgânico válido e disponível permitiu a realização de análises radiométricas. Assim, para os vestígios de carvão vegetal, proveniente da estrutura de combustão [UE 90] identificada no interior do compartimento 2, obteve-se uma datação calibrada de finais do século IX (887cal AD[©]).

Também para material osteológico proveniente do enchimento de uma estrutura de armazenamento foi obtida a data calibrada da primeira metade do século XI (1020 cal AD[©]). Esta última com algum significado, uma vez que provém de um contexto parcialmente coberto pelos vestígios de pavimento identificado no interior do compartimento 1.

Muito embora a datação obtida para o material recolhido na lareira remeta para ambientes mais antigos do que acreditamos pertencer a correspondente fase de ocupação (o que certamente se relacionará com as características intrínsecas da espécie vegetal carbonizada), estes dados confirmaram como era expectável as balizas cronológicas já anteriormente obtidas através do estudo do mobiliário cerâmico recolhido ao longo das várias campanhas.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos permitiram, pois, clarificar a funcionalidade da fortificação, inicial e aprioristicamente caracterizada como um albacar, devolvendo-lhe a importância de um aglomerado urbano permanente e sólido, condizente com a descrição da *madinat Sintara* nas fontes escritas.

As diferentes realidades identificadas, para além do reconhecimento de distintas fases de ocupação do sítio associadas ao diversificado conjunto artefactual exumado, permitem confirmar a presença de um núcleo residencial que, embora identificado apenas parcialmente, contribui significativamente para a afirmação de Sintra na rede de centros urbanos estruturantes do Garb al-Ândalus.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV., *Património Metropolitano – Inventário Geo-referenciado da Área Metropolitana de Lisboa*, AML, Lisboa, Cd-rom, 2001.
- BAZZANA, André, “Foyers et fours domestiques dans l’architecture rurale d’Al-Andalus”. *Arqueologia Medieval*, 4, Actas do Congresso «Formas de habitar e Alimentação na Idade Média. Edições Afrontamento, Porto, 1996, p. 139-163.
- COELHO, Catarina, “A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 3. 1. Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 2000a, p. 207-225.
- COELHO, Catarina, *Pera Guerrear. Armamento medieval no espaço português*. Catálogo da exposição (elaboração das fichas descritivas do espólio e do Sítio Arqueológico de São Pedro de Canaferrim/Castelo dos Mouros, Sintra), Câmara Municipal de Palmela, Palmela, 2000b, p. 374-375, 395.
- COELHO, Catarina, “O Castelo dos Mouros (Sintra)”, em Isabel Cristina Fernandes (Coord.), in *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos. Mil anos fortificações na Península Ibérica e Magreb (500-1500)*, Palmela, 2000, Edições Colibri – Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Lisboa, 2002, p. 389-395.
- COELHO, Catarina, “A cerâmica verde e manganés do Castelo de Sintra”. *Arqueologia Medieval* 12, Edições Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, Porto/Mértola, (2012), p. 91-107.
- COELHO, Catarina, “Castelo de Sintra: testemunhos da dieta alimentar nos séculos X-XII”. *Arqueologia Medieval*, Edições Afrontamento/Campo Arqueológico de Mértola, Porto/Mértola, (no prelo).
- DAVIS, Simon, “Animal Remains from the Moslem Period site of São Pedro de Canaferrim, Castelo dos Mouros, Sintra, Portugal”. *Trabalhos do CIPA*, 89, Instituto Português de Arqueologia/Centro de Investigação Paleo-Ambiental Lisboa, 2005.
- SIMÕES, Teresa, *O Sítio Neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra: contribuições para o estudo da Península de Lisboa*. Col. Trabalhos de Arqueologia, 12, Instituto Português de Arqueologia, Lisboa, 1999.
- STUIVER, M.; REIMER, P.J.; BARD, E.; BECK, J.W.; BURR, G.S.; HUGHEN, K.A.; KROMER, B.; McCORMAC, G.; van der PLIGHT, J. & SPURK, M. «INTCAL 98 Radiocarbon Age Calibration, 24000 – 0 cal BP». *Radiocarbon*, 40, 3, 1998, p. 1041-1084.
- VAN LEEUWARDEN, Wim e QUEIROZ, Paula Fernanda, “Estudos de Arqueobotânica no Castelo dos Mouros, Sintra”. *Trabalhos do CIPA*, 45, Instituto Português de Arqueologia/Centro de Investigação Paleo-Ambiental, Lisboa, 2003.
- VIVES Y ESCUDERO, Antonio, *Monedas de las Dinastias Árabe-Españolas*, Establecimiento Tipografico de Foryanet, Madrid, 1893.

NOTAS

¹ Sob direcção de Teresa Simões.

² Sob direcção de Élvio Melim de Sousa e Teresa Simões.